

**Adeus, Vagabundos:
Um livro-reportagem sobre a memória coletiva de um grupo de extermínio de Poço Verde¹**

Baruc Carvalho MARTINS²

Maria Beatriz COLUCCI³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este projeto traz o processo de três anos de fabricação do livro-reportagem “Adeus, Vagabundos”, que trata sobre a memória coletiva de um grupo de extermínio de Poço Verde, município do interior do estado de Sergipe. O livro foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e partiu de minha inquietação, enquanto poço-verdense, em pensar o fenômeno da legitimação do grupo de extermínio pelos moradores da cidade. A opção que fizemos foi a de escrever um livro *na* fronteira entre o Jornalismo e a Literatura, aliando entrevistas, observação, grupo focal e análise documental. O que, para isso, também demandou transformar a composição visual em um *modo da narrativa* para entender a história onde justamente ela faz escapar de sua inteligibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: livro-reportagem; grupo de extermínio; memória; Poço Verde.

1 INTRODUÇÃO

Entre 2012 e 2013, a atuação de um grupo de extermínio no pequeno município de Poço Verde, localizado na região centro-sul do estado de Sergipe, promoveu o assassinato de 17 jovens em pouco mais de seis meses. Ainda que as manchetes dos principais jornais do estado tenham divulgado, antes, o sangue desses jovens e condenado a ação dos exterminadores; na cidade, pairava entre a população uma sensação de alívio pelo medo. O grupo, aos poucos, havia ganhado legitimidade, engendrando-se na vida social dos poço-verdenses e dando inteligibilidade a *um certo tipo* de moral que compreendia que, na falta da presença do Estado, era possível e necessário matar.

O desafio de produzir um livro como esse nos fez decidir pela escolha de estabelecer a narrativa a partir da memória. Não somente como forma de constituir as condições de surgimento do grupo de extermínio, mas de assegurar um distanciamento necessário para garantir a nossa própria segurança física em toda a apuração e nos processos de entrevista.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluno-líder e graduado do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: aglomerado@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: biacolucci@gmail.com.

Optamos pela memória coletiva não por uma suposta relação de homogeneidade nem de redução aos limites geográficos da região, como já criticado por Andreas Huyssen (2014), que colocava em xeque essas noções homogeneizantes e globalizantes que não percebiam o próprio funcionamento conflituoso, produzido coextensivamente com o esquecimento, da memória. Ou seja, tomamos a memória, qualquer memória, como um campo de tensões, de jogo de forças, entre passado e presente, passado no presente, a se desenvolver e metamorfosear no próprio curso do tempo por um conjunto de variáveis sociais, econômicas, culturais, etc, assumindo, assim, a sua função política. “A memória, portanto, nunca é neutra. Tal como a própria historiografia, por mais objetiva que pretenda ser, toda lembrança está sujeita a interesses e usos funcionais específicos” (HUYSSSEN, 2014: 181).

A escolha pelo suporte de livro-reportagem se deu, assim, tanto pela possibilidade de exercitar uma prática jornalística diferenciada quanto pela capacidade de unir diferentes gêneros em um único produto, colocando a narrativa para produzir a forma e sem o apego tão duro às convenções jornalísticas, utilizando um tipo de discurso mais livre – alternando entre o direto, o indireto e o indireto livre – como forma de deixar no centro essas tensões constitutivas da própria memória.

Ainda assim, falar sobre a cidade, sendo poço-verdense, também se tornou uma escolha de fazer circular o debate público sobre o tema, alicerçando, a partir da memória e de suas possibilidades de abordagem, uma discussão maior sobre a legitimidade pública de atuação do grupo de extermínio e sobre o apagamento de vivências periféricas.

No fim, também se partiu de uma premissa usada por Judith Butler (2010) sobre as motivações que fazem algumas vidas serem dignas de luto – e outras não –, que situa parte do problema na não compreensão de nossa própria vulnerabilidade ontológica – que nos coloca, para existir, em interdependência violenta com um Outro.

2 OBJETIVO

O objetivo do livro é entender como se deu essa articulação entre o surgimento e atividade do grupo de extermínio e a legitimação dos assassinatos pelos moradores de Poço Verde. Tudo isso como um meio para atingir a paz, mesmo compreendendo que essa paz era temporária e implicava no recrudescimento das mortes e de uma violência consentida.

3 JUSTIFICATIVA

Como dito anteriormente, o livro-reportagem surgiu dessa minha inquietação para entender um fenômeno que acontecia e do qual fazia parte, sobretudo, quanto à legitimação da atuação do grupo de extermínio pela maioria dos moradores de Poço Verde. Isso, aliado à negligência da grande mídia em tratar com profundidade temas tão complexos como a violência e o extermínio, fizeram-me optar por uma narrativa de fôlego, experimental, que viesse a produzir um incômodo também nas pessoas que lessem.

Essa foi, sem dúvida, a nossa principal motivação para a escolha do suporte livro-reportagem como uma prática jornalística não-periódica que dialoga com a realidade factual e que permite criar histórias por meios outros. O que também permite ao livro, enquanto produto jornalístico, não ser apenas uma extensão da reportagem, mas um campo diferenciado, que pode mobilizar – ou não – diferentes gêneros jornalísticos em um único produto – como o interpretativo, investigativo e literário (ROCHA; XAVIER, 2013).

No caso desse livro-reportagem, em particular, a decisão de também trabalhar com o jornalismo investigativo foi crucial para entender a engrenagem que mantinha de pé o grupo de extermínio, esboçada pelo ofício conjunto assinado pelo procurador e pelo juiz da comarca de Poço Verde e entregue à Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese), em 2013.

E não só isso. Mas também entender, de maneira meticulosa, sobretudo na apuração e ainda que reconhecendo a capacidade móvel da memória, como a atuação do grupo de extermínio pôde ser legitimada pela população local. Tudo isso a partir de um olhar e de uma ética jornalística para atingir, a partir das múltiplas versões apresentadas no livro, esse fragmento da realidade. Como nos ensina Luiz Costa Pereira Júnior,

“O desafio do repórter (no cenário complexo, tentacular, da desordenada torrente de acontecimentos que forma a vida contemporânea) é encontrar evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incerteza. O jornalista, por princípio, não é só testemunha daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador das camadas verificáveis da realidade - não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta, como o 11 de setembro o foi para as redações brasileiras.” (PEREIRA JUNIOR, 2006: 71)

Para Burgh (2008), há ainda outras características que diferenciam o jornalismo investigativo de um jornalismo de denúncia ou de um jornalismo crítico, que se situam desde um ceticismo com as fontes e os modelos oficiais até uma rotina diferenciada para a seleção de informações e a os seus modos de narrar. Implicando, inclusive, em outros critérios e valores socialmente acordados entre os jornalistas para a produção da notícia, como os critérios de apuração e noticiabilidade. Pois a fuga do engessamento e mecanicismo da produção de notícia diária se configura como componente indispensável para o nível de ceticismo e profundidade que uma apuração investigativa pede.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para conduzir a narrativa, optamos pela mistura entre o discurso direto, indireto e indireto livre para instalar o leitor no próprio acontecimento das mortes e perseguições. Unindo, com isso, a agilidade do texto com uma disposição visual que fizesse do discurso uma prática, como um campo de experiência que colocasse em xeque o mundo sensível do leitor. Um livro que se colocasse na zona de indiscernibilidade entre Jornalismo e Literatura, complexificando os lugares de “sujeito” e “objeto” do conhecimento, de produção de verdade. Um livro, assim, que só funcionasse para responder aquela situação específica que pulsa no presente e que logo depois desapareceria. Para lembrar Foucault, queríamos construir, com isso, um livro-bomba:

“Esses livros seriam de tal forma que desapareceriam pouco depois de lidos ou utilizados. Os livros deveriam ser espécies de bombas e nada mais. Depois da explosão, se poderia lembrar às pessoas que esses livros produziram um belíssimo fogo de artifício. Mais tarde, os historiadores e outros especialistas poderiam dizer que tal ou tal livro foi tão útil quanto uma bomba, e tão belo quanto um fogo de artifício.” (FOUCAULT, 2003: 266)

Após algumas reuniões com Fernando Caldas, o diagramador, chegamos à conclusão de que era necessário alinhar forma e conteúdo, de modo a fazer com que a própria configuração visual do livro servisse, junto com o texto escrito, no modo de contar a história. Como nos ensina Antônio Celso Collaro,

A adequação do projeto gráfico ao conteúdo da obra é fundamental para que o leitor identifique no design da página a proposta do autor. Essa relação transcende o simples desenho das páginas, envolvendo a cor, a tipografia e as imagens. A identidade que esse conjunto de elementos vai transmitir ao leitor definirá o 'espírito' da obra. (COLLARO, 2007: 69)

Por isso, decidimos trazer um elemento que se destaca no livro para conduzir toda a narrativa: a perseguição.

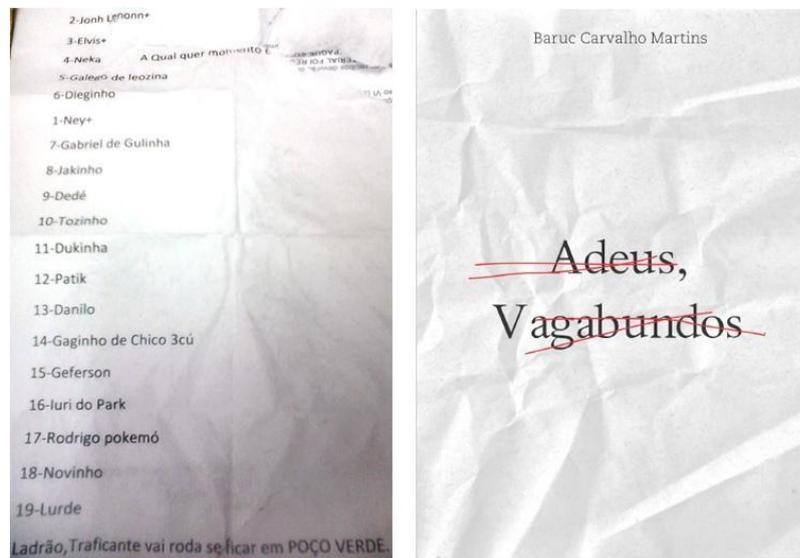


Figura 1: Lista de marcados para morrer. Figura 2: capa do livro

E, para tornar esse elemento da perseguição mais concreto e real, deslocamos a ideia de um perseguidor e perseguido, a partir do grupo de extermínio e dos jovens mortos, para uma em que até mesmo nós poderíamos assumir a função daquele que persegue e do que é perseguido. Assim, escolhemos fazer uma capa que remetesse à lista de marcados para morrer, que foi colada na frente de escolas e órgãos públicos, para servir de guia para o restante da estrutura do livro. Depois, decidimos que a apresentação do título de cada capítulo iria acontecer de forma decrescente, e com um riscado que se acumulava na medida em que o livro avançasse, como uma lista que vai sendo concluída pelo avançar das páginas.

Por último, comprimimos pouco a pouco as páginas, utilizando deliberadamente do concretismo, para tornar a leitura mais rápida e sufocante, com o intuito de consolidar, de maneira catártica, na última página, a ideia de perseguição. Para isso, também escolhemos utilizar do justificado para deixar mais evidente essa compressão através de uma rima visual com as páginas seguintes.

Esse tipo de estrutura também nos fez questionar sobre as fronteiras entre literatura e ficção; ou, ainda, entre factualidade e invenção. O que, por uma ideia de fronteirização e hibridismo, nos fez optar por uma estética bem simples e clara. Sem fotografias, capas de jornais ou documentos scaneados que dessem uma *legitimidade tácita* que a imagem por si só poderia reivindicar exclusivamente para si. O que também retiraria do texto a sua própria potência de significação, já que escolhemos trabalhar com um material tão volátil como o da memória.

Dessa forma, a apuração foi constituída a partir de entrevistas, análise documental, observação e a formação de um grupo focal (no capítulo IV, “O Tribunal”) com o intuito de lançar mão de vários recursos para garantir a maior precisão possível nos relatos e descrições. Todas essas ferramentas, longe de afirmar uma “cientificidade” ou garantia da “verdade”, serviram para adensar as condições de aparecimento do grupo de extermínio, percorrendo as linhas do discurso onde as instituições (Polícia, Prefeitura, Família, Conselho Tutelar, etc.) fossem também interrogadas de sua função enquanto produtoras de verdade tanto quanto os moradores.

Por fim, tivemos a ideia de preparar o ritmo do texto para consolidar o seu aspecto visual. Aumentando e diminuindo a velocidade na medida em que as páginas fossem se comprimindo. Como último recurso, escolhemos uma tipografia da família *Caecilia*, com serifa leve, para suportar a tensão do texto de forma sutil e o formato A5 para o papel.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro foi produzido como projeto de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, a partir da disciplina Projetos Experimentais em Jornalismo. A pesquisa de apuração sobre o grupo de extermínio começou ainda em 2012, ano de seu surgimento, e seguiu até agosto de 2015. Foram três anos selecionando capas e matérias de jornais, dossiês, ações civis públicas, certidões de óbito e mapeando diversas entrevistas com familiares dos matadores, dos matados, dos envolvidos e de pessoas comuns. Minha relação com movimentos sociais e moradores da região facilitou o acesso a alguns documentos e possibilitou praticamente todas as entrevistas, com exceção da mãe e da amiga de Zé Augusto que consegui graças ao apoio de meus pais.

Um ano antes da edição final, quando começamos de fato a montar a estrutura do livro-reportagem, havia um grande receio sobre a abordagem. Para desviar a atenção da

apuração do conteúdo do livro, e pelas próprias dificuldades de acesso a pessoas e lugares, decidimos optar pelo tema da morte, a partir do que ele mobilizaria no imaginário social de Poço Verde.

Contudo, mudamos de rumo novamente com a morte do suposto líder do grupo, em outubro de 2015, e do conseqüente processo de desestruturação da organização, e voltamos ao tema central da memória coletiva.

Depois, começamos a pensar no tipo de narrativa e nas possibilidades de execução do nosso planejamento inicial. *A priori*, uma ideia de versificar todo o texto de modo a trazer aspectos literários mais decisivos, ainda que sem fugir a categorias centrais da apuração e da precisão jornalística, foi pensada, mas logo descartada, devido ao curto tempo de preparação para a escrita. O que fez essa escolha do modo da narrativa acontecer depois, quando todo o material, incluindo as entrevistas, já havia sido coletado e revisado.

Em paralelo a isso, fizemos entrevistas entre março e abril de 2013 no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), no Centro de Assistência Psicossocial (CAPS), no Conselho Tutelar e na delegacia de Poço Verde. Desses órgãos, somente a delegacia não nos forneceu informações, justificando que as informações solicitadas – sobre homicídios e perfil dos crimes – eram de responsabilidade do 5º Batalhão da Polícia Militar de Sergipe (PM/SE). Depois, voltamos a esses órgãos, entre fevereiro e julho de 2015, dois anos depois, para confirmar as informações colhidas anteriormente – ou não – e construir novas pistas. Mas o Conselho Tutelar e o 7º Batalhão, um desmembramento do antigo 5º Batalhão da PM, não nos responderam. Este último, sob a justificativa de que isso era incumbência da delegacia. O que nos obrigou a não colocar nenhuma informação sobre a SSP, pois o que era fundamental para nós, Poço Verde, os órgãos não cederam – nem mediante a ofício – e as estatísticas estaduais já se encontravam nos sites do governo.

Já as entrevistas com os familiares dos jovens mortos, com a mãe e amiga de Zé Augusto, com a irmã de Horácio, com Marcelo e com jovens da cidade, foram realizadas entre 31 de dezembro de 2014 e junho de 2015. Essas entrevistas, seguindo a necessidade de trabalhar a memória, constituíram-se em bem mais que obter respostas – ou formular perguntas – sobre a violência em Poço Verde. Havia também uma necessidade de observação, de entender como os personagens pensavam outros personagens (no caso dos

familiares, sobre os seus entes mortos) e de como todos eles, em alguma medida, tocavam-se. Tivemos também o cuidado de preservar as identidades e de jamais valorar quem quer que fosse, privilegiando, em última instância, o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana.

Após tudo isso, decidimos optar por uma estruturação dos capítulos que fosse autônoma – mas não independente – entre si. De modo a fazer com que todo o livro apresentasse versões conflitantes, por vezes inconciliáveis, mas tendo uma espinha dorsal bem definida, que seria guiada por mim, enquanto personagem-narrador. Assumindo, assim, um lugar de observador-participante, em que, mesmo vivendo e interagindo com a comunidade, preservasse, em alguma medida, a categoria de observador (Duarte, 2006).

Dessa forma, o primeiro capítulo serviu para apresentar o cenário que serviu de estopim para a necessidade de criação de um grupo de extermínio. O segundo, serviu para apresentar o nosso protagonista – nesse caso, elegemos Zé Augusto, o suposto líder do grupo, pela capacidade de agenciamento e mobilização da memória do grupo de extermínio. O terceiro, destinou-se aos familiares dos jovens mortos, problematizando as relações de poder e da legitimidade do grupo também nas famílias e na materialidade das condicionantes que permitiram o aparecimento dos “vagabundos”. O quarto, formado por jovens da cidade escolhidos aleatoriamente, tratou das perspectivas e assimilações da violência e perspectivas sobre um futuro de uma parcela da população que se situa numa geração próxima a dos jovens mortos. O quinto capítulo destinou-se a discutir as outras faces e reverberações da atuação do grupo de extermínio e da forma como ela também se comunica intimamente com os modos de sociabilidade do município.

Por fim, escolhemos o título, a partir de uma expressão muito usada, para conectar diretamente a ideia de extermínio e de uma lista de marcados para morrer a ser executada, através de todo o processo visual da diagramação.

6 CONSIDERAÇÕES

O livro-reportagem *Adeus, Vagabundos* foi uma tentativa de discutir um problema real, que tanto assola pequenas e médias cidades do país quanto se configura como uma ameaça iminente ao próprio presente de Poço Verde. Nisso, lidar com o tema da memória

foi, a princípio, mais uma escolha compulsória do que algo deliberado, pelo próprio risco de morte que uma investigação mais a fundo implicaria.

Mas esse tipo de escolha, guiada pelo acaso, ajudou a pensar de múltiplas maneiras a questão da violência, a partir, principalmente, da sua circulação pelo imaginário coletivo e pelo atravessamento de outros temas que circundam o cotidiano. Pois, ainda hoje, o tema do extermínio de jovens é tratado como tabu e silenciado constantemente pela mídia hegemônica, pelo governo e por grande parte da sociedade.

A factualidade deste tema, por isso, e meu próprio envolvimento enquanto poço-verdense e ferrenho crítico à atuação do grupo de extermínio, foi desafiadora. Seja pela necessária distância de dentro – para não aumentar os relatos, nem dar mais informações do que consegui mobilizar –; seja pelo risco certo de morte, com amigos sendo ameaçados.

Assim, ao assumir esse lugar incômodo, de jornalista e poço-verdense, decidi trazer essas múltiplas vozes que, em geral, dão legitimidade à atuação do grupo de extermínio para entender como essas relações de poder são interceptadas por afetos e subjetividades.

Por tudo isso, esse livro tentou se fundar na diversidade de pontos-de-vista e nas singularidades do trato com a vida. Entendendo, por último, também esta singularidade como um produto relacional, do embate e da maquinação com um Outro que se articula num duplo movimento: primeiro, para dentro de nós mesmos e, depois, para nossas relações com as pessoas e com o mundo. O que, em alguma medida, nos fez constatar: também somos responsáveis pelos mortos e por seus carrascos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGH, Hugo de. **Jornalismo Investigativo: contexto e prática**. Editora Roca, 2008.

BUTLER, Judith. **Marcos de Guerra: las vidas lloradas**. México: Paidós, 2010.

COLLARO, Antonio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo, 2007.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: Estratégia. Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis: Vozes, v. 70, 2006.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Rumores, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013.